

EDUCAÇÃO BIOÉTICA: NO PROCESSO DO CONHECER O CONHECIMENTO PROIBIDO

Roque Strieder*
Anderson Luiz Tedesco**

Resumo

Essa reflexão discorre a respeito do conhecer do conhecimento proibido no mundo ocidental. Trata-se de uma reflexão literária a partir da seleção de alguns textos míticos, bíblicos e, um moderno, no que se refere as punições divinas, atribuídas aos mortais no processo do desvelar do conhecimento proibido. Também discorre sobre consequências oriundas do processo desse conhecer, na história do desenvolvimento técnico-científico do século XX. Seu objetivo é trazer relatos sobre conhecimento proibido, apresentar consequências para a humanidade e propor a bioética como alternativa para efetivação da prudência. O estudo tem caráter bibliográfico e explicativo, com busca em textos de relatos históricos afirmando a existência desse conhecimento proibido. Os resultados indicam a existência de conhecimentos proibidos que, quando desvelados, implicam graves consequências para a humanidade. Nem sempre o desvelamento de conhecimentos científicos se faz acompanhar dos critérios da prudência e da responsabilidade. Concluímos apresentando a bioética como um dos suportes educativos capazes de fortalecer o caminho da prudência, tanto nos momentos de construção de conhecimentos científicos quanto na utilização dos mesmos. A educação bioética pode constituir-se em uma fonte criadora de sensibilidade para resgatar a prudência e a responsabilidade nos caminhos da investigação científica e na aplicação dos resultados. Palavras-Chave: Conhecimento Proibido. Educação. Bioética.

1 INTRODUÇÃO

No artigo *As raízes do mundo* (1907), de G.K. Chesterton (republicado em 1992), conta-se a história de um rapaz que morava em uma casa com um enorme jardim

* Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba; Professor do Programa de mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Temáticas de estudo: Educação e Formação Humana. Ética e Educação.

** Licenciado em Filosofia; especialista em Bioética e Pastoral da Saúde pelo Centro Universitário São Camilo; Mestrando em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina.

e que o mesmo estava autorizado a conhecer, cuidando e colhendo todas as flores, salvo um pequeno espinheiro com flores brancas. Essa proibição despertou sua curiosidade.

Muitas razões os proprietários deram ao menino para que não tocasse nas flores do espinheiro, mas algo lhe era mais forte e, em uma noite quando todos dormiam, ele se pôs a puxar a planta, sendo surpreendido com a queda do telheiro da cozinha e, mais ao longe, com a destruição do estábulo. Com medo voltou a dormir. E, assim se sucedeu em outras tentativas de arrancar o espinheiro ocasionando destruições em boa parte da cidade.

Quando adulto e ainda imbuído pela curiosidade, voltou a tentar resolver o mistério daquele espinheiro, mas constatou que ao puxá-lo com ajuda de muitos homens, a Muralha da China havia caído, as Pirâmides no Egito se desfizeram, a Estátua da Liberdade submergiu destruindo boa parte da frota de navios americanos, a Torre Eiffel caiu arrasando Paris e o Japão ficou submerso. A história se estende em destruições maiores, mas, o que nos interessa desse artigo se traduz no mistério de um conhecimento proibido que, a luz da curiosidade do jovem deveria ser conhecido. Por que a proibição? O que há de precioso naquela planta, cuja verdade não pode ser conhecida? Por que as tentativas, exercícios da curiosidade de conhecer causam destruições? Será que o livre exercício da curiosidade e da liberdade de investigação inclui a liberdade de causar danos a seres humanos?

Tendo como referência esse e outros relatos literários o objetivo desse artigo é refletir sobre possibilidades de o conhecimento proibido vir a ser conhecido, trazer consequências resultantes, tanto em termos punitivos quanto da necessidade de pensar e assumir prudência e maior responsabilidade nas pesquisas básicas e possíveis aplicações de seus resultados.

Para alimentar a reflexão sobre a possibilidade do conhecimento proibido, ser ou não ser conhecido, apresentamos textos literários e eventos históricos, com a intenção de conhecer algumas consequências oriundas do conhecer do conhecimento proibido, no mundo ocidental. O trabalho foi dividindo em três momentos, procurando realizar as devidas articulações literárias e históricas seguindo-se acenos para uma possível educação bioética no processo do conhecer do conhecimento proibido.

Em um primeiro momento buscamos refletir na literatura bíblica os relatos da criação e da construção da Torre de Babel, no Gênesis e, no livro dos Números, a descrença do povo de Deus ao ser libertado do Egito. Da literatura grega trazemos os relatos sobre o mito do fogo na história de “Prometeu Acorrentado”, escrito por Ésquilo e um coro de Antígona, escrito por Sófocles. Incluiu-se um texto moderno a respeito do mito de Frankenstein, escrito por Mary Shelley.

No segundo momento, trazemos reflexões a respeito de alguns fatos históricos que colocam em risco o planeta – oriundos do conhecimento proibido. A referência para conhecer parte das barbáries históricas, na contemporaneidade, foi ilustrada com filmes que mostram a fragmentação do *ethos*. Para refletir as questões referentes à fabricação de armas, tomamos como referência o filme “O Senhor das Armas”. Com relação à experimentação humana fizemos uso do filme “O Jardineiro Fiel” finalizando com uma reflexão sobre as experiências da Segunda Guerra Mundial ilustrado com o filme “O Menino do Pijama Listrado”.

Diante das apresentações literárias, no que se refere as consequências punitivas de entes divinos sobre a humanidade, que descobria o conhecimento proibido e, diante de fatalidades históricas resultantes do desenvolvimento da tecnociência e dos conhecimentos descobertos no século XX, sinalizamos, no terceiro momento, a bioética como fonte motivadora de processos educativos com o objetivo de resgatar a ética, a responsabilidade e a prudência nos processos de conhecer o conhecimento.

2 ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

A investigação é de natureza qualitativa fundamentando-se em um estudo explicativo e bibliográfico. De acordo com Richardson (2010, p. 66), o estudo explicativo deseja analisar as causas ou consequências de um fenômeno.¹ Para Vergara (2005, p. 45), “[...] a investigação explicativa tem como principal objetivo tornar algo inteligível justificar-lhe os motivos. Visa, portanto, esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de determinado fenômeno.” Quanto aos estudos bibliográficos Vergara (2005, p. 48) afirma serem desenvolvidos de maneira sistematizada a partir de material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, ou seja, material acessível ao público. Essa mesma ideia de investigação bibliográfica, também é reforçada em Cervo, Bervian e Silva (2007) e por Gil (2002). Ambos os autores referem-se ao tipo de pesquisa bibliográfica como aquela que se baseia em resultados presentes em materiais já elaborados.

Justificamos a escolha dos relatos já referidos, por englobarem dimensões distintas de manifestações humanas, ou seja: a forma mitológica, religiosa, literária e a forma cinematográfica. Dentro dessas vertentes a escolha dos relatos foi intencional, mas também por serem conhecidos por grande parte da população.

3 NAS TRAMAS DE CONHECIMENTOS PROIBIDOS

3.1 CONHECIMENTO PROIBIDO E AS SUAS PUNIÇÕES EM RELATOS LITERÁRIOS

Pode-se pensar historicamente que a civilização ocidental tenha seu início no século X a. C. A referência, segundo Vaz (2002, p. 7) toma como ponto de partida a formação do reino davídico e da tradição bíblica de um lado e, de outro, o surgimento da cultura grega arcaica, culminando em uma história rica e dinâmica. Para viabilizar a reflexão sobre a origem do conhecimento proibido, na formação do *ethos*² ocidental, a partir das contribuições da tradição bíblica, fizemos, primeiramente, uma leitura de textos míticos e literários a fim de conhecer punições que o conhecimento proibido trouxe aos personagens envolvidos nesses relatos.

A humanidade pode reencontrar-se com suas origens a partir da descoberta de relatos literários, míticos e ou históricos a respeito de uma busca incessante pelo conhecimento proibido e, na tradição bíblica, especialmente no livro do Gênesis. Os relatos apresentam, inicialmente, um mundo perfeito, de imortalidade, de conhecimento, de ausência de doenças e sofrimentos. O Gênesis relata a existência do paraíso, criado por Deus, para o primeiro casal da humanidade, contendo uma única restrição, jamais comer do fruto de uma árvore proibida, “a maçã”. No entanto, a serpente instiga a mulher para que essa transgrida a lei divina. A mulher, não somente experimenta do fruto “da morte” como também o oferece ao seu marido.

A serpente respondeu à mulher: “De modo algum morrereis. Pelo contrário, Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal”. A mulher notou que era tentador comer da árvore, pois era atraente aos olhos e desejável para se alcançar inteligência. Colheu o fruto, comeu e deu também ao marido, que estava junto, e ele comeu (GÊNESIS, 3-4; 6, 2002, p. 26).

O descumprimento da regra, imposta por Deus, gerou severa punição e o primeiro casal iria padecer. A morte havia entrado no paraíso, a ignorância passa a surgir no mundo, juntamente com as doenças e, sobretudo, a dor e o sofrimento representados na mulher na hora de dar a luz.

Em dois outros relatos do antigo testamento, um dos quais mostra a busca insaciável pelo conhecimento proibido, os seres humanos decidem construir a Torre de Babel, uma escada, a fim de subirem ao céu e verem a face de Deus. Uma tentativa de reavivar o mesmo princípio oferecido no paraíso, pela serpente à Eva, para serem tão grandes e poderosos quanto Deus. Mas essa afronta foi severamente punida pelo poder divino:

Eles formam um só povo e todos falam a mesma língua. Isto é apenas o começo de seus empreendimentos. Agora nada os impedirá de fazer o que se propuserem. Vamos descer ali e confundir as línguas deles, de modo que já não se entendam uns aos outros (GÊNESIS, 11- 6;7, 2002, p. 34).

A punição ocorreu por meio da linguagem. Anterior a mesma, o povo de Deus falava somente uma língua e, agora, passaram a falar mais de uma, gerando desentendimento e discórdia. Mas, qual o significado dessa atitude divina? Queria o criador deixar a mensagem de que o linguajar humano pode servir tanto para a destruição quanto para a construção do entendimento humano?

Outro relato bíblico, referindo-se ao povo israelita, apresenta a palavra de Deus como desacreditada. O povo estava impaciente, revoltado com a falta de água e comida ao trilhar o deserto na busca pela “Terra Prometida”. O Criador ouvindo a injúria dos humanos, mal agradecidos, por tê-los salvos da escravidão do Egito, resolve puni-los:

Então o Senhor mandou contra o povo serpentes venenosas que os picavam, e muita gente de Israel morreu. O povo dirigiu-se a Moisés e disse: “Pecamos, falando contra o Senhor e contra ti. Suplica ao Senhor que afaste de nós as serpentes” (NÚMEROS, 21, 6-7, 2002, p.183).

O linguajar divino é muito esclarecedor em relação às escolhas que a humanidade deve fazer. Não provocar a ira divina significa uma opção de acordo com os desígnios de Deus, considerado justo e compassivo. Em caso de contrariedade, como no relato do fruto da árvore proibida, no relato da construção da Torre Babel e no relato da descrença do povo, ao sair da prisão do Egito, esse mesmo Deus, justo e compassivo, se torna punitivo.

Nos escritos de Êsquilo (1997), sobretudo em Prometeu Acorrentado, versos 445 a 470, nos quais a humanidade é representada como uma turba de animais que

viviam na ignorância e somente sobreviviam a partir do que a mãe natureza lhes oferecia. O deus Prometeu se compadece dessa humanidade, rouba o fogo sagrado dos deuses para entregá-lo aos humanos. Prometeu, compadecido com a humanidade, desprovida de conhecimentos primordiais à própria subsistência, não se contém e decide ajudá-los:

No início, eles enxergavam sem ver, ouviam sem compreender, e, semelhante as formas oníricas, viviam sua longa existência na desordem e na confusão. Eles desconheciam as casas ensolaradas de tijolo, ignoravam os trabalhos de carpintaria; viviam debaixo da terra, como ágeis formigas, no fundo de grutas sem sol. Para eles, não havia sinais seguros nem inverno nem primavera florida nem verão fértil; faziam tudo sem recorrer à razão, até o momento em que eu lhes ensinei a árdua ciência do nascente e do poente dos astros.

Os seres humanos, segundo os relatos de Ésquilo, se comportavam e agiam como meros animais, puramente biológicos e instintivos, sem rumo e sem noção daquilo que faziam. Sua sobrevivência era resultado das dádivas da natureza sem nenhuma faculdade humana e racional, até o momento em que Prometeu se compadeceu deles.

Ao presentear a humanidade com o fogo sagrado, Prometeu causa uma verdadeira revolução na história do conhecimento proibido. Os humanos, pobres mortais, que até então não passavam de seres biológico-instintivos, agora, adquiriram a capacidade de pensar e agir conscientemente sobre a natureza:

Depois, foi a vez da ciência dos números, a primeira de todas, que inventei para eles, assim como a das letras combinadas, memória de todas as coisas, labor que engendra as artes. Fui também o primeiro a subjugar os animais, submetendo-os aos arreios ou a um cavaleiro, de modo a substituir os homens nos grandes trabalhos agrícolas, e atrelei às carruagens os cavalos dóceis com que se ornamenta o fasto opulento. Fui o único a inventar os veículos com asas de tecido, os quais permitem aos marinheiros correr os mares.

Prometeu conseguiu mudar o rumo da história humana tirando-a da ignorância ao revelar-lhe o poder do fogo e o uso do mesmo. Um conhecimento proibido até então. Mas, mesmo sendo um deus, Prometeu também sofre severa punição. Os deuses o acorrentam e o fazem segurar o céu. Zeus acha pouco tal castigo e ordena que uma

águia devore seu fígado durante o dia. À noite o fígado se regenerava para que, no dia seguinte, a ave viesse devorá-lo novamente.

Ainda na mitologia grega referenciamos o coro de Antígona de Sófocles (2005, p. 42-44). Nos versos 364 a 369, existe uma reafirmação do lado divino dos seres humanos a partir do momento em que Prometeu ensina o conhecimento proibido:

Todavia, ao se tornar assim senhor de um saber cujos engenhos ultrapassam toda esperança, ele pode em seguida tomar o caminho do mal como do bem. Que o homem inclua, pois nesse saber, as leis da sua polis e a justiça dos deuses, à qual jurou fidelidade.

Na literatura moderna a busca pelo conhecimento proibido está representada, entre outras, na obra de Frankenstein, escrita por Mary Shelley, considerada também como o Moderno Prometeu. O romance narra a história de um autodidata, um amante do conhecimento proibido chamado Victor Frankenstein que, ao entrar em contato com os alquimistas e beber da fonte do conhecimento proibido descobre como gerar a vida criando um monstro. Victor, arrependido de seu ato, abandona a criatura e viaja pelo mundo. Nesse espaço de tempo o monstro desperta. Mas, o monstro, ao despertar, tem aprendido os hábitos humanos e jura vingança ao seu criador caso ele não crie uma esposa como sua companhia.

Uma série de assassinatos acontecem no romance, porque Frankenstein se recusa a criar uma esposa ao monstro com medo de que esse casal destrua a humanidade. Trata-se de uma história na qual o acesso ao conhecimento proibido implica em graves consequências e punições. O criador passa a ser perseguido e vários de seus entes queridos são mortos. O autor não deu nome para sua criatura que ficou, então, conhecida pelo seu próprio sobrenome.

3.2 CONHECIMENTO PROIBIDO, POSSIBILIDADES E CONSEQUÊNCIAS

Tendo como base os relatos literários, anteriormente referidos, pode-se entender a curiosidade humana como fator determinante no processo do conhecer o conhecimento proibido, apesar das ameaças de punições divinas. Essa mesma curiosidade transformou eventos históricos do século XX em avenidas questionadoras dos riscos e dos benefícios das descobertas tecnocientíficas. O conhecimento tecnocientífico pode favorecer manipulações genéticas, como na produção de sementes transgênicas. A biotecnologia pode, pelas terapias gênicas, realizar concertos hereditários para aper-

feioar a espécie humana, com implicações morais e eugênicas (HABERMAS, 2004; RATZINGER, 2011). Por outro lado a tecnociência, com apoio político permitiu, permite a fabricação e a utilização de armas atômicas e bacteriológicas contra populações indefesas ou em nome da democracia (SCHATTUCK, 1998).

Nesse palco da vida, de sucessos e tragédias, a reflexão de Kung (1990) procura explicações para o enorme sucesso evolutivo da humanidade. Os dados trazidos pelo pensador alemão despertam ansiedade e angústia aos ainda sensíveis a vida. Segundo Kung (1990) dados estatísticos mostram que a cada minuto países desenvolvidos e ricos gastam mais de um milhão e oitocentos mil dólares em armamentos. Uma prática que submete milhões de pessoas a passarem fome ou viverem em contextos desumanos. Os países ricos se dizem preocupados com a morte, mas nada além da morte, pois o investimento em armas atômicas, bacteriológicas e armamento convencional, praticamente, se iguala aos investimentos em estratégias políticas e ideológicas para manter a miséria, a fome e o não acesso igualitário aos bens materiais ou de serviço, fundamentais para satisfazer as necessidades básicas de cada um dos seres humanos (KUNG, 1990).

Uma forma de alerta, sobre o comércio da morte, oriundo da venda de armas, foi representado no filme “Lord of War” (O Senhor das Armas) sob a direção de Andrew Niccol (2005). O protagonista do filme, Nicolas Cage, apresenta cenas fortes a respeito da realidade desumana construída pelo sistema capitalista, no qual matar vale a pena, porque gera lucro. É forte também o destaque dado no filme à ideia de que o próprio sistema protege aqueles que lutam contra a vida. A cena do filme, em que Cage é, finalmente, preso surpreende pelo anúncio que o mesmo faz ao policial que representa a instituição que o prendeu, ou seja: alguém mais poderoso do que aquela instituição social ordenaria que o soltassem. Por quê? Pelo simples fato de que um vendedor de armas trabalha a favor do capitalismo no qual a morte é símbolo de lucro.

Segundo o Relatório Mundial sobre a Fome (2011), todos os anos cerca de 9 milhões de crianças em todo o mundo morrem antes de chegarem aos 5 dias; cerca de um terço dessas mortes prematuras são atribuídas à subnutrição. Na contramão da fome, em todos os países, o índice de obesidade continua aumentando consideravelmente. Contradições alimentadas que submetem à fome enorme contingente de seres humanos e outros tantos à obesidade, porque induzidos a comerem mal e demais.

Ainda segundo o Relatório (2011) a pobreza é tamanha que em países da África do Sul e outros, indivíduos vivem com menos de um dólar por dia. Enquanto eles mal e mal sobrevivem, crianças norte-americanas e de outras nacionalidades, esbanjam padrões econômicos impossíveis de serem socializados universalmente. Diante do império

do consumismo, tão propalado pela mídia, e da impossibilidade de realização universal, milhões de seres humanos se submetem à condição de cobaias humanas para a realização de experimentos ou testes científicos com medicamentos dos poderosos impérios de fármacos do mundo (CAPONI, 2004).

Nas Cenas do filme “O Jardineiro Fiel”, o diretor Fernando Meireles (2005) apresenta a degradante submissão de pessoas que vivem em condições desumanas. Diante do “sem alternativa” (CAPONI, 2004) elas se permitem fazer parte do grupo de cobaias humanas para a realização de experimentos com os mais variados tipos de fármacos.

Sem opções e reféns da manipulação essas pessoas sequer tiveram a informação necessária para se submeterem a testes de diferentes tipos de medicamentos. Totalmente alheios ao Código de Nuremberg³ elas se transformam em cobaias humanas ignorando completamente os procedimentos, os possíveis inconvenientes e riscos para suas vidas. Sem acesso a essas e outras informações, são incapazes de exercerem a autonomia da escolha consciente, na participação ou não dessas experimentações. A prudência científica, na realização dessas experiências é considerada um empecilho à lucratividade.

Entre as várias tragédias provocadas por ações do ser humano estão as duas grandes Guerras Mundiais. Do Lebensborn (centros de triagem para remeter os portadores de defeitos físicos ou racialmente indesejados à “desinfecção” ou “reassentamento” – leia-se extinção. Nesses lugares aconteciam experiências eugênicas consideradas “fonte da vida”, conforme Shattuck, 2000) de Himmler para viabilizar as experiências médicas de seleção eugênica, das câmaras de gás, da submissão a trabalhos forçados, milhões de pessoas foram mortas em nome de uma ideologia prometendo melhorar a saúde, melhorar o complexo neural da inteligência para obter comportamentos sociais mais uniformes e submissos aos poderes centralizados. São ações humanas cuja força ideológica impulsiona a desumanização. Cenas do filme “O Menino do Pijama Listrado” do diretor Mar Herman (2008), uma adaptação do livro de John Boyne, “The Boy in the Striped Pyjamas” (2006) são indicativos do tamanho da fragilidade humana presente na espécie humana.

Entre algozes nazistas era considerado doce o prazer da morte, particularmente quando exterminavam ciganos, homossexuais e, sobretudo judeus nos Campos de Concentração de Auschwitz e outros (SHATTUCK, 2000). Atualmente e, com novos matizes, não somente terceirizamos a tortura, como em Guantánamo, Abu Grail (ZIZEK, 2007) e outros, insistimos em manter a sacralidade da economia de mercado enquanto sonhamos, não mais com a mão invisível, mas com a mão intrusa da bioengenharia sem muita compreensão da estreita relação entre o mal e a destruição, e as formas de aquisição e aplicação de conhecimentos (RATZINGER, 2011).

Não temos como negar que o atual desenvolvimento tecnocientífico apresenta aos seres humanos uma nova etapa de civilização. Na tecnociência encontramos, além do saber, também o fortalecimento do exercício do poder na forma da biopolítica⁴ e do biopoder.⁵ Particularmente, em nome do poder os custos e os riscos, para vidas humanas, são pouco cautelosos, como salientado por Schattuck (1998). Igualmente, em nome do desejo e da liberdade de investigação descuidamos das implicações éticas e sociais ao priorizarmos o imperativo técnico, em nome do qual se deve fazer tudo o que é possível (VON ZUBEN, 1995).

Pela tecnociência nos arrogamos o direito de uso de conhecimentos proibidos, porém, como escreve Schattuck (1998, p. 190), “[...] as sagradas liberdades de investigação [...] não incluem a liberdade de causar dano físico ou de outra natureza, a seres humanos.” Diante das possibilidades e das ameaças do conhecimento proibido, entende-se como importante a cautela diante das ambições da tecnociência nas mais diferentes frentes de atuação. Significa considerar a importância da imposição de limites a algumas aplicações de conhecimentos gerados pela tecnociência. Exemplos anteriormente apresentados indicam que dificilmente estaremos livres do uso de conhecimentos proibidos para fins não científicos e anti-humanos. O caminho da prudência precisa fazer parte da trajetória da tecnociência.

A prudência permite considerar a possibilidade da busca de consensos com base em debates que reconhecem o respeito ao pluralismo e as diversidades. Cremos ser esta uma das tarefas da bioética. E, difundir as discussões e a compreensão bioética é também função da educação. A ela compete refletir sobre a importância, mas também o cuidado e a cautela necessários diante da insaciável curiosidade humana e da força atratora do proibido.

3.3 EDUCAÇÃO BIOÉTICA NO PROCESSO DO CONHECER O CONHECIMENTO PROIBIDO

Quando se refletem somente os relatos literários sobre o conhecimento proibido, geralmente não se leva em consideração os avisos expressos pelas divindades sobre o processo do conhecer o proibido. No entanto, ao se deparar com as eventualidades trágicas da história as preocupações se intensificam no processo do conhecer o conhecimento proibido. Sabe-se que o conhecimento tecnocientífico também é importante para o melhoramento da vida humana, mas o problema surge quando o mesmo fica prisioneiro de ideologias políticas e econômicas. Segundo Frankl (1998, p. 48):

Não foram apenas alguns ministérios de Berlim que inventaram as câmaras de gás de Maidanek, Auschwitz, Treblinka; elas foram sendo preparadas nos escritórios e nas salas de aula de cientistas e filósofos materialistas, entre os quais se contavam e contam alguns pensadores anglo-saxônicos laureados com o prêmio Nobel.

Essa apropriação abrupta do conhecimento proibido deixou consequências negativas na destruição de vidas humanas e de parte do meio ambiente. Com o acúmulo dos conhecimentos, desvendados sem a prudência e devida preocupação ética, a tecnociência se desenvolve como promessa rumo à descoberta desinteressada da verdade. Com apenas esse suporte a busca da verdade negligencia as interferências e efeitos sobre a vida.

São essas interferências e efeitos sobre a vida que relatos bíblicos, textos gregos e modernos apontam como um sinal de ameaça aos humanos. Desvelar o conhecimento proibido, sem restrições severas à investigação, coloca em risco a cultura simbólica, para favorecer a construção de uma sociedade fria, objetiva e materialista. A transformação dos valores normativos do mundo simbólico implica em um desvio ontológico na própria auto-realização humana e, por conta dessa apropriação avassaladora no desejo de transformar a natureza em cultura material:

Trata-se do hiato cada vez maior entre a “cultura material” de nossa civilização, representada pela tecnociência, e sua “cultura simbólica”, inclusive no domínio da chamada “filosofia da cultura” em que ela tenta propor uma hermenêutica da própria “cultura material”. Enquanto a cultura “material” avança em ritmo vertiginoso, a “cultura simbólica” permanece fundamentalmente dentro dos campos teóricos propostos ou dominantes ao longo do século XIX (VAZ, 2002, p. 352).

Com a fragilização ontológica, advinda do desvelar do conhecimento proibido, construímos e convivemos num cenário esfacelado de valores éticos. A fragilidade ética universal, que encontra suporte também nesse desenvolvimento da tecnociência, culminou em duas Guerras Mundiais e outras guerras, mais recentes, com o objetivo de, supostamente, combater o terrorismo e determinados fundamentalismos religiosos. Além disso, essa lógica permitiu a formação de sistemas autoritários e totalitários no decorrer do século XX, além de desencadear políticas econômicas, transformadas em antibióticos para milhares de seres humanos. Essas mazelas e outras tantas, resultantes da imprudência e da falta de seriedade com relação à dignidade da vida, em particular a humana, viabilizaram a criação da bioética.⁶ A bioética significa uma

tentativa para estabelecer uma ponte entre as ciências biológicas e os valores humanos. Seu esteio originário encontra suporte no sonho de uma sociedade democrática e no exercício da convivência e do resgate dos valores da justiça e da solidariedade na esperança da reconstrução ontológica do ser humano.

John Gray (2009), afirma que o progresso ético não conseguiu acompanhar a velocidade do conhecimento possibilitado pela tecnociência. No entorno de todo o avanço tecnocientífico persiste um grande problema por resolver: a fraqueza moral da natureza humana. Grandes contingentes humanos não orientam suas condutas tendo como referência preceitos éticos, mas sim de interesse próprio e da satisfação das necessidades do momento.

Em 19 de janeiro de 2004, na Academia Católica da Baviera, em Munique, o então cardeal Joseph Ratzinger, atualmente papa Bento XVI, participou de um inusitado debate com um dos pensadores mais influentes da atualidade, o filósofo Jürgen Habermas. Tendo como temática: “as bases pré-políticas e morais do Estado democrático”, Ratzinger (2004, s/p) afirmou:

Parece-me evidente que a ciência como tal não pode gerar etos, que, portanto, uma consciência ética renovada não pode surgir como produto de debates científicos. Por outro lado, é certamente também indiscutível que a alteração fundamental da imagem humana e mundial, a qual se deu a partir da evolução dos conhecimentos científicos, está essencialmente ocupada com a ruptura de velhas certezas morais (Grifo nosso).

No mesmo encontro e debate o cardeal Ratzinger (2004, s/p) expressa sua preocupação diante das possibilidades da bioengenharia:

O homem é agora capaz de fabricar homens, produzi-los, por assim dizer, em um vidro com reagente. O homem se torna produto, e com isso se altera a relação dos homens consigo mesmos no seu fundamento mesmo. Ele não é mais um presente da natureza ou do Deus criador; ele é seu próprio produto. O homem desceu até o fundo do poço do poder, até a fonte de sua própria existência. A tentação de agora finalmente construir o homem direito, a tentação de fazer experimentos com humanos, a tentação de encarar os homens como lixo e eliminá-los não é uma fantasia de moralistas inimigos do progresso.

Em 12 de novembro de 2011, no sítio *Vatican Insider*, o **Papa** voltou com advertências, diante das perspectivas de utilização de células tronco embrionárias. Afir-

ma o Papa que na condição de seres humanos dotados de uma alma imortal e criados à imagem e semelhança de Deus “[...] há dimensões da existência humana que estão além dos limites do que as ciências naturais são competentes para determinar. Se esses limites são violados, há o sério risco de que a dignidade única e inviolável da vida humana possa ser subordinada a considerações meramente utilitaristas.” No contexto da “mentalidade pragmática”, tornada prioritária e justificadora da utilização de todos os meios, a fim de se alcançar o fim desejado, as consequências podem ser desastrosas, como já se pôde ver no passado, mesmo que se trate de esforços animados pelo propósito “altamente desejável” de encontrar uma cura para as doenças degenerativas.

Também Jacques Monod (2002, p. 114) externa sua preocupação diante da fragilização, mesmo que negada pela ciência, imposta ao sistema de valores humanos:

As sociedades modernas aceitaram as riquezas e os poderes que a Ciência lhes oferecia. Mas não aceitaram ou vagamente se aperceberam da mensagem mais profunda da ciência: a definição de uma nova e única fonte de verdade, a exigência de uma revisão total dos fundamentos da ética, de uma ruptura radical com a tradição animista, o abandono definitivo da “antiga aliança” e a necessidade de criar uma outra. Armadas de todos os poderes, usufruindo de todas as riquezas que devem à Ciência as nossas sociedades tentam, ainda, viver e ensinar sistemas de valores, roídos já, na raiz, pela própria ciência.

Assim, a visão de progresso ilimitado, capaz de permitir um desenvolvimento prodigioso, já sonhado no século XIX, abre-se agora, diante de nós, como ameaçador, não somente por possibilitar exaurir o planeta via estímulo ao consumismo desenfreado, mas também pelos desencontros afetivo, relacional e ético. Em nome do desejo de bem-estar e progresso, os seres humanos produzem também os meios para se autodestruir.

Progresso técnico e científico, como fórmula única do bem-estar psíquico e corporal, a alimentar o manter-se vivo, encontra-se de mãos dadas com a criação e conservação do medo, da ansiedade e sentimentos angustiantes, como preconiza Bauman (2008, p. 13):

Como todas as outras formas de coabitação humana, nossa sociedade líquido-moderna é um dispositivo que tenta tornar a vida com medo uma coisa tolerável [...] a reprimir o horror ao perigo, potencialmente conciliatório e incapacitante; a silenciar os medos derivados dos perigos que não podem – ou não devem, pela preservação da ordem social – ser efetivamente evitados.

O grande leque de transformações na sociedade, a partir do desvelamento de conhecimentos proibidos, de subordinação a uma nova fonte de verdade única (MONOD, 2002) do medo diante do não controle técnico exige reflexões como a feita por Mainetti (1990, p. 5):

A bioética é um produto da sociedade do bem-estar pós-industrial e da expansão dos “direitos humanos da terceira geração” (para a paz, para o desenvolvimento, meio ambiente, respeito ao patrimônio comum da humanidade) que mascaram a transição do estado de direito para estado de justiça.

Diante da submissão de praticamente todas as esferas da vida humana à lógica da tecnociência, a bioética é gestada no âmbito de uma sociedade em crise ontológica, em uma dimensão que supera a vertente do ser individual em busca de sua condição de ser coletivo. Mainetti (1990) entende que já não se trata somente de um direito individual, mas de obrigações e de responsabilidades frente às vidas ameaçadas.

Uma educação bioética tem, segundo Von Zuben (1995), o desafio de relativizar os vários posicionamentos, para considerar o pluralismo e a diversidade, com o objetivo de rejeitar a pretensão de alternativas hegemônicas. Von Zuben (1995) continua afirmando que no contexto da educação bioética o debate não pretende a eliminação das posições contrárias, mas, acima de tudo incentivar o respeito às diferenças. Uma educação bioética reconhece a importância do diálogo como componente indispensável do processo de formação.

A bioética apresenta-se como oportunidade para reacender a reflexão prudente sobre a liberdade investigativa – ciência pura –, e a transformação de conhecimentos proibidos em artefatos tecnológicos – ciência aplicada. Diante de avanços científicos, no desvelamento do código genético e das possíveis manipulações científicas da natureza humana, também corremos o risco do patenteamento da vida humana, como nos alertam Connor e Hermann (1990).

Todo e qualquer avanço científico precisa ser tratado com responsabilidade e isso significa submetê-lo a questionamentos bioéticos como feito por Sgreccia, já em 1991 (p. 32):

Até que ponto, lícitamente, se estender e afirmar-se o domínio do homem sobre o homem no campo médico-biológico? A pergunta coloca o problema da fronteira ética ao progresso científico, que parece não ter fronteiras fixas, pois avança sempre além, graças à tecnologia aplicada à ciência.

Com o desafio de fixar as fronteiras éticas sobre o conhecer do conhecimento proibido, a bioética encontra-se diante de uma tarefa nada fácil. Mas, segundo Vaz (1974, p. 45) a bioética “[...] ao tratar da vida, da natureza, da flora, da fauna e da vida humana, à luz dos valores humanos aceitos em uma sociedade democrática, pluralista, secular e conflitiva poderá ser uma possibilidade de resgatar a sensibilidade ética fixando fronteiras no processo do conhecer.”

Tem grande significado a reflexão feita por Hans Jonas em “O princípio responsabilidade” (2006), diante dos desafios da sociedade tecnológica. Entre outras preocupações ele sinaliza como tarefa urgente a necessidade de estabelecer também limites ético-jurídicos para a pesquisa tecnológica. Entre as provocações feitas por Jonas destacamos: para as futuras gerações de humanos, quais as consequências éticas e existenciais implicadas na modificação tecnológica das condições e referências tradicionais, que até o momento determinaram a autocompreensão e a autoestima da humanidade, tanto com aspectos positivos e negativos, luminosos e sombrios?

Para a bioética, apesar da promessa do formalismo jurídico insistir na existência de direitos iguais, cabíveis para os seres humanos, a realidade social e mesmo histórica é bem diferente. São inúmeras as formas de dominação social, de controle político, de exploração econômica, de biopoder e de biopolítica (AGAMBEN, 2010). A bioética se propõe a conhecer os dispositivos desse biopoder que mantém a dominação sobre a vida humana em contextos denominados democráticos.

Diante do poder que manipula e destrói vidas humanas, a bioética se defronta com os complexos contextos que envolvem, de um lado, a permanência no estado de ignorância e de outro, o conhecer do conhecimento proibido. Esse dilema da bioética a torna imprescindível objeto de educação. Uma educação bioética como forma de disseminar informações e refletir a respeito da ciência e dos conhecimentos produzidos e sobre a sua aplicação, como já alertava Freire (2001, p. 37):

Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeitar a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando.

Não se pode viver longe da ética e menos ainda fora dela ou sem ela. Nos momentos de afastamento, tornados possíveis pela humanidade, criaram-se barbáries inimagináveis, retratadas como situações da degradação humana. A educação, como formação para a vida pessoal e profissional não pode ficar alheia às questões bioéticas, como instiga Bauman (2009, p. 21).

A finalidade da educação nesses casos é contestar o impacto das experiências do dia-a-dia, enfrentá-las e por fim desafiar as pressões que surgem do ambiente social. Mas será que a educação e os educadores estão á altura da tarefa? Serão eles capazes de resistir à pressão que deveriam confrontar?

Trata-se de um questionamento pertinente, feito por Bauman, a respeito da preparação dos educadores frente aos novos desafios oriundos das descobertas do conhecimento proibido e suas implicações éticas. Requerem-se muitas discussões, reflexões e ações nos ambientes educativos para que docentes e discentes assumam de forma corresponsável uma educação bioética. Esta vai muito além da conformação e obediência a certos deveres, sejam eles legais ou religiosos. Ela precisa dinamizar reflexões profundas sobre o modo de vida e o modo de ser, para provocar e questionar o que e como se pensa o que se pensa, o que e como se diz o que se diz.

4 CONCLUSÃO

Ao longo dessa reflexão discorreremos sobre formação do *ethos* ocidental tendo como referência o conhecer do conhecimento proibido. A reflexão foi feita a partir de três momentos: primeiramente na literatura mítica davídica o desvelar do conhecimento proibido e a punição divina, expressos na história da Criação e na construção da Torre de Babel relatados no livro Gênesis. No livro dos Números a passagem punitiva das serpentes mortais ocasionada pela descrença do povo liberto do Egito. Depois, com o mesmo objetivo, excertos da literatura mítica grega, em Prometeu Acorrentado de Ésquilo e no coro de Antígona de Sófocles e, da literatura moderna o mito de Frankenstein, escrito por Mary Shelley. Esses relatos literários-míticos alertam para uma preocupação acerca do conhecimento proibido que, quando desvendado traria mais malefícios do que benefícios a humanidade. Em todos eles perpassa a concepção da punição divina aos humanos, por buscarem o conhecimento proibido, o que influencia profundamente a formação de um *ethos* ocidental, a mercê do poder divino.

Mas esse *ethos* da punição se modifica e passa a ser constituído dentro de uma perspectiva histórica tornando-se um *ethos* das consequências na contemporaneidade. A tecnociência além de facilitadora de modos de vida também orienta a construção de armamentos, cuja preocupação central é o lucro que o seu comércio propicia em épocas de guerras, contrárias ao cuidado para com a vida, como ilustrado no filme “O Senhor das Armas”. Também se torna preocupante quando a fabricação de diferentes tipos de medicamentos é testada em seres humanos, transformados em cobaias, como ilustrado no filme “O Jardineiro Fiel”. Em outro cenário são mostrados os experimentos manipulativos efetivados na segunda Guerra Mundial, em parte retratados no filme “O Menino do Pijama Listrado”. Nesse segundo momento argumentamos que o *ethos* constituído na história ocidental, na contemporaneidade, se formulou a partir de uma ideologia capitalista do desvelamento do conhecimento proibido a fim de trazer lucro e poder para algumas pequenas corporações ou grupos seletos, exercitando o biopoder e a biopolítica.

Em consideração ao objetivo proposto destacamos que as situações descritas e refletidas são indicativas da existência de conhecimento proibido. Quando o conhecimento proibido for acessado ele se faz acompanhar de castigos e punições de ordem divina e/ou práticas de biopoder sobre parcelas de humanos. Diante disso é importante reavaliar as possibilidades de restrições à tecnociência e da importância de assumir de forma responsável e ética as práticas dela resultantes. Requer-se de cientistas, de políticos e agências financiadoras de pesquisas científicas uma avaliação cuidadosa das consequências práticas de suas investigações, principalmente, quando sinalizam possibilidades de manipulação de vidas humanas. Schattuck (1998, p. 224) enfatiza que a ciência não se tornará adulta para assumir responsabilidade por si mesma. Somente as pessoas podem assumir essa responsabilidade, pois a ciência ou o conhecimento dela resultante não contém o bem nem o mal. São os humanos que, ao buscarem esses conhecimentos, nem sempre foram capazes de “afastar-se de sua aplicação a nossas vidas ou de controlá-las.”

Assim, diante do inevitável processo de desvelamento do conhecimento proibido propomos o conhecimento prudente a ser viabilizado por meio da educação bioética. Uma educação para a prudência e com o compromisso de organizar e reorganizar os conhecimentos priorizando a vida no planeta. Essa aposta está na construção de uma prática educativa baseada na educação bioética, no desafio de resgatar e reconstruir valores humanos e de cuidado para com a vida. Na educação bioética, audácia e prudência se articulam para construir novos sentidos de sabedoria prática. É uma aposta para que a nova geração, com formação bioética, não seja a geração que queira arrancar as flores brancas do pequeno espinheiro.

Educación bioética: en el proceso del conocer el conocimiento proibido

Resúmen

Esta reflexión discurre a respecto del conocer del conocimiento proibido en el mundo occidental. Se trata de una reflexión literaria a partir de la selección de algunos textos míticos, bíblicos y uno moderno, en lo que dice respecto a las puniciones divinas, atribuidas a los mortales en el proceso del desvelar del conocimiento proibido. También discurre sobre las consecuencias oriundas del proceso de este conocer, en la historia del desarrollo técnico-científico en el siglo XX. Su objetivo es traer relatos sobre el conocimiento proibido, presentar consecuencias para la humanidad y proponer la bioética cómo alternativa para efectución de la prudencia. El estudio tiene carácter bibliográfico y explicativo, con busca en textos de relatos históricos afirmando la existencia del conocimiento proibido. Los resultados indican la existencia de conocimientos proibidos que, cuando desvelados, implican graves consecuencias para la humanidad. No es siempre que el desvelamiento de conocimientos científicos se hace acompañar de los criterios de la prudencia y de la responsabilidad. Concluimos presentando la bioética cómo uno de los soportes educativos capaces de fortalecer el camino de la prudencia, tanto en los momentos de construcción de conocimientos científicos cuanto en la utilización de los mismos. La educación bioética puede constituirse en una fuente creadora de sensibilidad para rescatar la prudencia y la responsabilidad en los caminos de la investigación científica y en la aplicación de los resultados.

Palabras Clave: Conocimiento Proibido. Educación. Bioética.

Notas

¹ Para Richardson (2010, p. 57), “[...] o fenômeno possui características próprias e ocupa lugar no tempo, assim o fenômeno existe, tem essência e é o objeto do conhecimento científico”. Portanto, uma dica importante ao pesquisador, ao submeter um fenômeno ao estudo deve estar consciente de que este possui várias características no tempo e espaço, não tendo obrigação de esgotar todas elas.

² O *ethos* é constitutivamente tradicional, pois o ser humano não conseguiria refazer continuamente sua morada espiritual. Trata-se de um legado – o mais precioso – que as gerações se transmitem (*tradere, traditio*) ao longo do tempo e que mostra, por outro lado, uma não menos extraordinária capacidade de assimilação de novos valores e de adaptação e novas situações (VAZ, 2002, p. 40). Para Hans Kung (1990, p. 9), o *ethos* significa carácter, propósito moral. Ao manter esse termo, em grego, o autor apresenta sua distinção com a ética. Enquanto que o primeiro corresponde às normas

interiores, aos princípios morais sistematizados da conduta humana, o segundo reflete a respeito das normas e princípios que fundamentam as ações humanas.

³ Código de Nuremberg – 1947 art. 1 – O consentimento voluntário do ser humano é absolutamente essencial. Isso significa que as pessoas que serão submetidas ao experimento devem ser legalmente capazes de dar consentimento; essas pessoas devem exercer o livre direito da escolha sem qualquer intervenção de elementos de força, fraude, mentira, coação, astúcia ou outra forma de restrição posterior; devem ter conhecimento suficiente do assunto em estudo para tomarem uma decisão. Esse último aspecto exige que sejam explicados às pessoas a natureza, a duração e o propósito do experimento; os métodos segundo os quais será conduzido; as inconveniências e os riscos esperados; os efeitos sobre a saúde ou sobre a pessoa do participante, que eventualmente possam ocorrer, devido à participação no experimento. O dever e a responsabilidade de garantir a qualidade do consentimento repousam sobre o pesquisador que inicia ou dirige um experimento ou se compromete nele. São deveres e responsabilidades pessoais que não podem ser delegados a outrem impunemente.

⁴ Para Cocco e Negri (2005) na biopolítica a disciplina é fundamentalmente totalizadora e organiza todo o tempo e todo o espaço. Toda a cidade era assim organizada de maneira funcionalista: bairros dormitórios, indústrias, de negócios e de lazer. O tempo de vida era funcionalizado: tempo da escola, de serviço militar, de fábrica e de aposentadoria. E para quem desviasse: prisão e hospitais, inclusive psiquiátricos, concluíam o desenho. Essa é a sociedade disciplinar, que vai moldando o corpo dos indivíduos dentro do maquinismo industrial e de suas instituições concentracionárias, sabendo que, por trás da fábrica e da prisão, temos os campos de concentração, os campos de trabalho, inicialmente experimentado pelos europeus nas colônias.

⁵ Conforme Cocco e Negri (2005), para o biopoder, mais do que determinar regras disciplinares ou leis punitivas, é preciso estabelecer critérios de probabilidade, de tolerabilidade social e de interação, sobre os quais se deve intervir para modular o que acontece na população. O exemplo mais clássico disso é a evolução das políticas de repressão da criminalidade, em que o problema não é reprimir todo e qualquer crime, mas manter um determinado tipo de crime dentro de um determinado nível aceitável social e estatisticamente.

⁶ Segundo, Van Rensselaer Potter em seu livro *Bioethics: bridge to the future*, “o objetivo desta disciplina, como eu vejo, seria ajudar a humanidade em direção a uma participação racional, mas cautelosa, no processo da evolução biológica e cultural. Escolho ‘bio’ para representar o conhecimento biológico, a ciência dos sistemas vivos, e ‘ética’ para representar o conhecimento dos sistemas de valores humanos” (PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. 2001, p. 18).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Lisboa. Relógio D’Água, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **A Sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Vida Líquida**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

Bíblia Sagrada. 46. ed. São Paulo: Edições Vozes, 2002.

CAPONI, Sandra. A biopolítica da população e a experimentação com seres humanos. **Ciência e saúde coletiva**. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/csc/v9n2/20398.pdf>. Acesso em: fev. 2012.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. São Paulo: Person Prentice Hall, 2007.

CHESTERTON, G. K. As raízes do mundo. **The Chesterton Review**, maio de 1992. Disponível em: <<http://henriquecal.posterous.com/as-raizes-do-mundo>>. Acesso em: set. 2011.

COCCO, Giuseppe; NEGRI, Antonio. Global: biopoder e lutas em uma América Latina globalizada. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CONNOR, Susan Schole; FUENZALIDA-PUELMA, Hermann L. Bioética: Presentación del Número Especial. **Boletín de la oficina sanitaria panamericana**. v. 108, p. 5-6, 1990.

Ésquilo. **Prometeu Acorrentado**. Tradução Daisi Malhadas; Maria Helena de Moura Neves. Araraquara: UNESP, 1997.

FRANKL, Viktor. **Sede de sentido**. 2. ed. São Paulo: Quadrante 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAY, John. **Cachorros de palha**: reflexões sobre humanos e outros animais. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **O futuro da natureza humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KUNG, Hans. **Projeto para uma ética mundial**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RIO, 2006.

MONOD, Jacques. **Acaso e necessidade**. Portugal: Europa-America, 2002.

MAINETTI, J. A. Bioética: uma nueva filosofia de La salud. **Boletín de La Oficina sanitaria Panamericana**. v.108, p. 5-6, 1990.

O Jardineiro fiel. Direção de Fernando Meireles. Elenco: Ralph Fines, Rachel Weisz, Danny Huston. Estados Unidos: Universal, 2005. Filme. (129 min).

O Menino do Pijama Listrado. Direção de Mark Herman. Elenco: Asa Butterfield, Vera Farmiga, David Thewlis. Reino Unido: Miramaz Filmes, 2008. Filme. (93 min).

O Senhor das Armas. Direção de Adrew Niccol. Elenco: Nicolas Cage, Ethan Hawke, Jared Leto. Estados Unidos: Pandora Filmes, 2005. Filme. (122 min).

PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. **Problemas atuais de bioética**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

RATZINGER, Joseph. As bases pré-políticas e morais do Estado democrático. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2404200506.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2008.

_____. Pesquisa com células-tronco embrionárias: *o dilema da Igreja*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=49398>. Acesso em: 14 nov. 2011.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. Compreensão e bioética: os desafios da tecno-ciência. In: **Pro-posições**. Revista da Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, v. 6, n. 3, p. 18, 1995.

Relatório Mundial sobre desastres. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/relatorio-sobre-a-fome-no-mundo-em-2011-volatilidade-e-alta-dos-precos-devem-continuar/>>. Acesso em: 2 mar. 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry (et al). **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas. 2010.

SGRECCIA, Elio. **Manuale di Bioética I**: Fondamenti ed Etica Biomedica. 2 ed. Milano: Vita e Pensiero, 1991.

SHATTUCK, Roger. **Conhecimento proibido**: de Prometeu à pornografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SÓFOCLES. **Antígone**. Tradução J. B. de Mello Sousa. eBooksBrasil, 2005.

VAZ, Henrique de Lima. **Escritos de Filosofia IV**: Introdução à Ética Filosófica I. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. O Ethos da Atividade Científica. **Revista Eclesiástica Brasileira**. v. 34, 1974, p. 45-73.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

ZIZEK, Slavoj. A ressurreição dos mortos vivos. **El País**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/6284-a-ressurreicao-dos-mortos-vivos-artigo-de-slavoj-zizek>>. Acesso em: 28 mar. 2007.

Recebido em 31 de janeiro de 2012.

Aceito em 26 de março de 2012.